

Castells, M. (2002). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Vol. I, *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, M. (2003). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. II, *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Helena Sousa*

A monumental trilogia de Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, tem agora dois volumes publicados no nosso país. Os dois primeiros textos em português – *A Sociedade em Rede* (2002) e *O Poder da Identidade* (2003) – integram a Coleção Manuais Universitários da Fundação Calouste Gulbenkian e contaram com a coordenação dos investigadores do ISCTE José Manuel Paquete de Oliveira e Gustavo Leitão Cardoso.

A tradução e a publicação desta trilogia (aguarda-se o 3.º volume: *End of Millennium*) contribuem decisivamente para a divulgação, em Portugal, de um autor e de uma obra que marcam a nossa época. Professor de Sociologia e de Planeamento Urbano na Universidade da Califórnia, Manuel Castells é, sem dúvida, um dos mais destacados e prolíficos cientistas sociais da actualidade. Nascido em Espanha, em 1942, Castells partiu jovem – como refugiado político – para Paris, onde se doutorou em Sociologia e onde iniciou, em 1967, a sua carreira universitária. Desde então, fez um notável percurso científico, tendo produzido uma vasta obra que contribui, de forma muito significativa, para a compreensão da nossa contemporaneidade.

Ainda que a versão original (inglês) desta trilogia tenha sido publicada na segunda metade dos anos 90, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* tem raízes fundas no percurso científico de Castells. Esta obra remonta ao ano de 1983, altura em que o autor arrancou com um estudo sobre as transformações económicas e sociais associadas à chamada revolução das tecnologias da informação. Partindo da observação do extraordinário desenvolvimento tecnológico na Baía de S. Francisco, Castells desenvolveu, ao longo de 15 anos, uma importante pesquisa comparativa noutras regiões do globo (Europa, Ásia e América Latina). Esta obra é o resultado de um longo percurso de observação, recolha documental e de profunda reflexão sobre o nosso mundo.

Para Manuel Castells, o nosso mundo é um mundo novo. A ideia de que vivemos hoje numa era fundamentalmente diferente atravessa toda a sua obra. A percepção da emergência de uma nova sociedade potenciada pelas tecnologias da informação e da comunicação está, no entanto, longe de ser consensual. Autores como Herbert Schiller e Nicholas Garnham, por exemplo, põem o acento tónico na continuidade e não na ruptura tecnológica, social e económica. Mas Castells elabora a ruptura e arrisca um mapeamento bem diferenciado das sociedades contemporâneas. O seu ponto de partida é o de que, no final do século XX, se vive um raro momento histórico: “Um período

* Docente do Curso de Comunicação Social da Universidade do Minho (helena@ics.uminho.pt).

caracterizado pela transformação da nossa ‘cultura material’ operada por um novo paradigma organizado em torno das tecnologias da informação”. (2002: 33). No conceito de tecnologias da informação, Castells inclui um conjunto convergente de tecnologias em micro-electrónica, computação (hardware e software), telecomunicações, radiodifusão, opto-electrónica e até engenharia genética e suas aplicações.

Partindo das tecnologias da Informação para ler a “Era” que denomina “da Informação”, o autor desta trilogia procura distanciar-se dos determinismos tecnológicos e das análises simplistas do papel das tecnologias, considerando que o exagero profético e a manipulação ideológica que caracterizam a maior parte dos discursos sobre a revolução da tecnologia da informação não nos devem levar a cometer o erro de subestimar a sua importância verdadeiramente fundamental. Para Castells, trata-se de um evento histórico da mesma natureza da revolução industrial do século XVIII.

O primeiro volume de *A Era da Informação, A Sociedade em Rede*, localiza e desmonta esta ruptura paradigmática. Este sistema tecnológico surgiu nos anos 70 e Castells entende ser fundamental a compreensão de algumas descobertas basilares. Para o autor, todas estas descobertas no campo das tecnologias da informação possuem algo de essencial em comum: embora substancialmente baseadas em conhecimentos já existentes e desenvolvidas como uma extensão das tecnologias anteriores, representaram um salto qualitativo na difusão maciça da tecnologia em aplicações comerciais e civis, devido à sua acessibilidade com um custo cada vez menor e com uma qualidade cada vez maior.

“Assim, o microprocessador, o principal dispositivo de difusão da microelectrónica, foi inventado em 1971 e começou a ser difundido em meados dos anos 70. O microcomputador foi inventado em 1975 e o primeiro produto comercial de sucesso, o Apple II, foi apresentado em Abril de 1977, por volta da mesma época em que a Microsoft começava a produzir sistemas operativos para microcomputadores. A Xerox Alto, matriz de muitas tecnologias de software para os PC dos anos 90, foi desenvolvida nos laboratórios PARC, em 1973. O primeiro comutador electrónico industrial apareceu em 1969 e o comutador digital foi desenvolvido em meados dos anos 70 e comercialmente distribuído em 1977. A fibra óptica foi produzida à escala industrial pela primeira vez, pela Corning Glass, no início da década de 70. Além disso, em meados da mesma década, a Sony começou a produzir videocassetes para uso comercial, com base nas descobertas da década de 60 nos EUA e em Inglaterra (...). Finalmente, mas não menos importante, foi em 1969 que a Agência de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa norte-americano (ARPA) instalou uma nova e revolucionária rede electrónica de comunicação que se desenvolveu nos anos 70 e que veio a transformar-se na Internet” (Castells, 2002:65-66). As transformações paradigmáticas que Castells apresenta têm efectivamente como referência temporal a década de 70 e como referência geográfica os Estados Unidos da América e, em particular, a Califórnia.

Naturalmente, este *boom* dos anos 70 não está desligado do forte impulso tecnológico dos anos 60 promovido essencialmente pelo sector militar nem do processo de reestruturação económica dos anos 80. Castells argumenta mesmo que o desenvolvimento desta base tecnológica nos anos 70 constituiu a infra-estrutura necessária ao

movimento empresarial que conduziu à desregulamentação e à privatização das comunicações, processo, de resto, iniciado com o desmembramento e privatização do monopólio das telecomunicações norte-americanas AT&T.

Partindo de reflexões teóricas anteriores, o autor apresenta os aspectos centrais do paradigma da tecnologia da informação para que sirvam de guia na futura jornada pelos caminhos da transformação social. A *primeira* característica do novo paradigma aponta que a informação é a sua matéria-prima: são tecnologias para agir sobre a informação e não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores. O *segundo* aspecto refere-se à capacidade de penetração dos efeitos das novas tecnologias. Como a informação é uma parte integral de toda a actividade humana, todos os processos da nossa existência individual e colectiva são directamente moldados (embora não determinados) pelo novo meio tecnológico. A *terceira* característica refere-se à lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação. A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interacção. Em *quarto* lugar, relacionado com o sistema de redes, mas sendo um aspecto claramente distinto, fala-se do paradigma da tecnologia da informação baseado na flexibilidade. Não apenas os processos são reversíveis, mas as organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização dos seus componentes. O que distingue a configuração do novo paradigma tecnológico é a sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo numa sociedade caracterizada pela constante mudança e fluidez organizacional. Por último, a *quinta* característica desta revolução tecnológica é a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, no qual as trajectórias tecnológicas antigas não mais podem ser identificadas (Castells, 2002: 86-89). Este novo paradigma não evolui, portanto, para o seu fechamento, mas para a sua abertura como uma rede altamente complexa, mutável e de intermináveis acessos.

Com base nestes pressupostos teóricos, Manuel Castells tece cuidadosamente os fios de uma densa malha socioeconómica do mundo contemporâneo. Ao explorar os mais variados domínios da experiência humana nas estruturas sociais emergentes, este autor conclui em *A Sociedade em Rede* que as funções e os processos dominantes na Era da Informação se organizam, cada vez mais, em torno de redes e isto representa o auge de uma tendência histórica. “As redes constituem a nova morfologia das sociedades e a difusão da sua lógica modifica substancialmente as operações e os resultados dos processos de produção, experiência, poder e cultura. Embora a organização social, sob a forma de rede, tenha existido noutros tempos e lugares, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece as bases materiais para a expansão da sua penetrabilidade em toda a estrutura social” (2002: 607). Mas Castells vai mais longe na sua argumentação e defende que esta lógica de rede induz uma determinação social de cariz mais elevado que os interesses sociais expressos através da própria rede: “o poder dos fluxos prevalece sobre os fluxos de poder” (2002: 607).

A Sociedade em Rede, tal como é pensada por Castells, caracteriza-se pela globalização das actividades económicas, pela forma de organização em rede, pela

flexibilidade e instabilidade do emprego e pela individualização da mão-de-obra, por uma cultura da virtualidade construída a partir de um sistema de *media* omnipresente, pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo atemporal. Este novo mundo penetra em todos os níveis e alastra-se a todas as sociedades. Mas este novo mundo não se esgota neste plano. A revolução tecnológica, a transformação do capitalismo e o que Castells entende ser – e muito longe de qualquer consensualidade – a ‘derrocada do controlo dos estados’ são fenómenos indissociáveis do avanço de poderosas expressões de identidade colectiva que desafiam essa mesma globalização e o cosmopolitismo em nome da singularidade cultural e do controlo das pessoas sobre o seu ambiente e as suas próprias vidas.

Todo o segundo volume desta trilogia – *O Poder da Identidade* – nos ajuda a percorrer os paradoxos identitários de um mundo globalizado pela tecnologia e tecnologicado pela globalização. Castells entende que não pode ler-se a globalização sem incorporar as suas contra-tendências, nomeadamente os movimentos sociais que desenvolvem os seus mecanismos de resistência ao avanço do capitalismo, da globalização, das redes e da omnipresença mediática. Estes movimentos sociais não constituíam o objecto de estudo inicial de Castells, mas trabalhando a partir das tecnologias e das redes, foi-se deparando com a força e a afirmação das identidades colectivas e individuais.

Num mundo em rede e cada vez mais global, a identidade impôs-se no trabalho de Castells como a mais importante fonte de significado e de sentido. O mundo novo de Castells tem a afirmação e o seu oposto, tem a tendência e as contra-tendências, tem o linear e o paradoxal. *A Era da Informação* tem, acima de tudo, uma desafiante proposta de leitura de um «novo» mundo. Trata-se de uma obra que merece ser lida e que não dispensa o confronto com autores que encontram pouco de novo nas rupturas apresentadas.

Referências bibliográficas

Castells, M. (1998). *The Information Age: Economy, Society and Culture*, Vol. III *End of Millennium*, Oxford and Malden, MA, Blackwell.